

Benveniste e a noção saussuriana de sistema¹

Benveniste and the Saussurean notion of system

Raul de Carvalho ROCHA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
raul.caarvalho@gmail.com



Resumo: Este trabalho propõe-se a pôr em relação a noção de sistema linguístico concebida por Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1916) e a teoria da linguagem de Émile Benveniste a partir dos *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966; 1974). Parte-se da hipótese de que Benveniste toma a noção saussuriana de sistema de modo a subsidiar uma concepção própria de língua, que vem a estar na base de um novo campo, a Linguística do Discurso. A noção de sistema no *Curso* diz respeito a uma característica muito particular da concepção de língua em Saussure: a de *funcionamento*, que se presta à eliminação dos fatores externos ao mecanismo linguístico e, conseqüentemente, à consideração da realidade intrínseca da língua. Considerando que Benveniste incorpora integralmente a noção saussuriana de sistema (FLORES, 2013), pretende-se discutir como essa noção opera na teoria da linguagem benvenistiana, com especial ênfase em sua teoria da enunciação, sem, no entanto, ignorar os afastamentos que as reflexões de Benveniste produzem em relação ao conceito de língua proposto por Saussure. Portanto, deixa-se de lado o discurso da ruptura, da herança, da influência e tantos outros taxativos, e prefere-se partir da proposta de Normand (2006) de um encontro Saussure–Benveniste e falar não de encontros, mas de propostas distintas, embora não tão distantes.

Palavras-chave: Benveniste; Saussure; enunciação; sistema; língua.

Abstract: This paper seeks to carry out a study that relates the notion of system, presented in Ferdinand de Saussure's *Course in General Linguistics* (1916), and Émile Benveniste's theory of language, as it is presented in *Problems in General Linguistics I and II* (1966; 1974). This is assuming that Benveniste adopted the Saussurean notion of system and, by doing so, produced his own concept of language which has become the fundament

¹ Trabalho originalmente apresentado em comunicação oral sob o título *Saussure–Benveniste: o sistema e o homem na língua* na I Jornada de Estudos Benvenistianos, sediada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, e realizada de forma virtual de 1.º a 3 de agosto de 2022.

of a new field of linguistic investigation, that is, Discourse Linguistics. The notion of system presented in the *Course* is related to a highly specific feature of Saussure's concept of language (*langue*) as a *functioning*, a conception that seeks to eliminate external factors of the linguistic mechanism and to allow language in its intrinsic reality to be taken into account. Whereas Benveniste incorporates in whole Saussure's notion of system (FLORES, 2013), the aim of this paper is to discuss the way it operates in Benveniste's theory of language, with particular emphasis on his theory of enunciation, not ignoring the gap that exists between Benveniste's reflections and Saussure's concept of language. Consequently, the rupture, the heritage, and the influence narratives (and others so narrow as these) are left aside. In this paper, Normand's (2006) proposal of a meeting (*rencontre*) Saussure–Benveniste will serve as basis for the discussion, but, instead of meeting, different, but not so distant, proposals will be discussed.

Keywords: Benveniste; Saussure; enunciation; system; language.

1 INTRODUÇÃO

[...] todos os dois se impuseram e continuam se impondo ainda hoje a quem se interessa pela linguagem; cada um fez pressentir, mais do que revelar, que alguma coisa essencial estava em jogo naquilo que ainda não se acordou em nomear [...]. — Normand (2006, p. 15).

Em seu célebre artigo “Saussure após meio século” (1963), Émile Benveniste (1902–1976) refere-se ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857–1913) como “em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 1995[1963], p. 35). Não se trata de uma afirmação sem consequências para pensar as relações entre Saussure e Benveniste. Flores (2013) bem pontua que, embora não constitua a única fonte de inspiração teórica de Benveniste, Saussure é uma presença constante nas reflexões do linguista francês, não só em seus tratados sobre a enunciação, mas também em seus trabalhos comparatistas e de Linguística Geral. Não obstante o reconhecimento de que Saussure não foi o único autor a exercer influência sobre o pensamento benvenistiano, Flores (2013, p. 48) observa que “Saussure é o único linguista a quem Benveniste explicitamente revela tributo em sua teoria”, além de ser “o autor mais vezes textualmente referido na obra de Benveniste”. Tal reverência talvez se deixe explicar pelo fato de, no seu referido artigo de 1963, Benveniste expressar que não existe “um só linguista hoje que não lhe [a Saussure] deva algo” (BENVENISTE, 1995[1963], p. 34).

Normand (2006, p. 14-15) observa que as relações entre Saussure e Benveniste são, em geral, abordadas de modo a produzir cinco discursos: (I) o da filiação: “Saussure gerou Benveniste”; (II) o da novidade: “Benveniste libertou os linguistas presos à sujeição da teoria saussuriana”; (III) o da comparação: “Saussure deu os princípios, os temas e o método; Benveniste os aplicou [...]”; (IV) o da interdisciplinaridade: “De um lado, a fronteira bem delimitada por Saussure entre a Linguística e as outras ciências [...]. De outro lado, a prática de Benveniste que [...] dirige-se aos sociólogos, aos filósofos e também aos psicanalistas”; e, por fim, (V) o da posição institucional: “[...] para um e outro uma consagração certa, uma notoriedade assegurada pelas instâncias clássicas de avaliação (títulos, publicações, cargos); para os dois uma solidão intelectual mais ou menos reconhecida por eles mesmos e por seus pares”. Diante desses discursos, Normand (2006) prefere falar em *encontros*: Benveniste encontrou Saussure. Encontro esse que concerne, como aponta a autora, “à inteligência e ao amor, que lhes é comum, pela língua” (NORMAND, 2006, p. 18).

Flores (2013, p. 50) percebe na escolha feita pela autora a preservação de um aspecto fundamental: “Benveniste toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele”. Ainda que a leitura de Normand (2006) constitua uma excelente via de saída das interpretações estreitas quanto à relação de Benveniste com o pensamento saussuriano, não falarei nem em encontro nem adotarei quaisquer das abordagens supracitadas. Falarei, a partir de Flores (2013, p. 50), em um comparecimento do pensamento saussuriano nas formulações teóricas de Benveniste. Esse comparecimento não é entendido como adequação ou aplicação das teses saussurianas por Benveniste em sua reflexão linguística. Afinal, não são raras as passagens em que Benveniste nega e altera o pensamento de Saussure de modo a produzir uma reflexão própria, expressando, inclusive, a necessidade de “ir além do ponto a que Saussure chegou” no tocante à análise da língua como sistema signifiante (BENVENISTE, 1989[1966], p. 224). O aspecto que convoco para avaliar esse comparecimento, conforme o entendo, é a noção de *sistema*, a qual, nos dizeres de Flores (2013, p. 143), é “incorporada integralmente por Benveniste”.

Tanto Dessons (2006) quanto Ono (2007) reconhecem a aproximação de Benveniste da noção saussuriana de sistema e não da de estrutura, esta última característica da leitura feita do pensamento saussuriano ao longo dos anos 1960. Para Ono (2007), a aproximação de Benveniste da noção de sistema faz com que o linguista francês efetue um prolongamento da Linguística saussuriana, prolongamento esse que se dá com a abertura benvenistiana do “mundo dos signos” de Saussure. Embora Benveniste, de fato, reconheça na noção saussuriana de sistema “o princípio fundamental da Linguística Moderna”,² não será pelo viés da “abertura” que abordarei o seu comparecimento no autor. Será, antes, partindo da hipótese de que Benveniste toma a noção saussuriana de sistema de modo a subsidiar uma concepção própria de língua, que vem a estar na base de um novo campo, a Linguística do Discurso. O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir a maneira como a noção de sistema opera na teoria da linguagem de Benveniste, de modo a fundar uma nova Linguística.

Para isso, procederei da seguinte forma: começarei por colocar em questão quais aspectos da noção saussuriana de sistema comparecem na teoria da linguagem de Benveniste. A obra de Saussure que abordarei é o *Curso de Linguística Geral* (1916). Posteriormente, passarei às reflexões de Benveniste sobre a enunciação, especialmente em dois de seus artigos, “A

² “Quando os linguistas começaram, a exemplo de Saussure, a encarar a língua em si mesma e por ela mesma, reconheceram este princípio que se tornaria o princípio fundamental da Linguística Moderna: a língua forma um *sistema*”. Cf. BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da Linguística (1963). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

natureza dos pronomes” (1956) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966), além de, quando oportuno, “O aparelho formal da enunciação” (1970) — texto no qual Benveniste sintetiza mais de três décadas de reflexão sobre a enunciação (FLORES, 2013). Quanto aos outros dois, a escolha recai sobre o fato de o linguista francês introduzir, no primeiro, e sistematizar, no segundo, os dois modos de ser língua a que chamará, n’“A forma e o sentido...”, *semiótico* e *semântico*. Esses artigos encontram-se incluídos nas seções “A comunicação” e “O homem na língua” dos *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966; 1974). Ainda que reconheça a não-linearidade da reflexão benvenistiana nos diferentes momentos de sua teorização, assumo que o axioma *O homem na língua*, que representa um *a priori* unificador da reflexão teórica de Benveniste (FLORES, 2013), opera nesses textos, daí a aproximação que será feita entre eles. Neste momento, buscarei discutir como a noção saussuriana de sistema opera na teoria da enunciação benvenistiana,³ bem como a sua relação com o axioma que preside a teoria da linguagem de Benveniste. Por fim, farei as considerações finais.

2 UMA BUSCA PELA REALIDADE INTRÍNSECA DA LÍNGUA

No artigo “Langue, Parole, Sujet chez Saussure et Benveniste”, Normand (2011, p. 99) pertinentemente questiona como colocar em relação Saussure e Benveniste, dois autores portadores do estatuto de *fundador*. A tarefa não é simples. Autores com a envergadura de ambos não podem ser abordados juntos, num artigo limitado, sem serem extremamente simplificados. Não tendo a pretensão de escapar à extrema simplificação (e aos seus inconvenientes) que tal abordagem impõe, esforço-me, ao menos, por torná-la menos taxativa. Advertido por Normand (2006) dos diversos discursos (tão repisados) que caracterizam a abordagem dessa relação, expus e retomo a via pela qual tento escapar-lhes o risco: objetivando discutir como a noção saussuriana de sistema opera na teoria da linguagem de Benveniste, parto da hipótese de que o linguista francês assume a referida noção, não para “prolongar” a Linguística saussuriana, mas para subsidiar uma concepção própria de língua, que viria a constituir a base de um novo campo.

³ Refiro-me às reflexões de Benveniste a que os seus *leitores* chamaram “teoria da enunciação”. Frisar que o reconhecimento de uma teoria da enunciação em Benveniste advém de seus leitores e não do próprio Benveniste, que não se propôs a elaborá-la, é importante, pois, como diz Flores (2013, p. 28), “nenhum de seus depoimentos [de Benveniste] autoriza pensar que ele se dedicasse a construir uma teoria acabada [...]”. Sendo assim, falo, a partir de Flores (2013), em *teoria* não no sentido de modelo teórico-metodológico acabado e fechado, tampouco “de um modelo em construção” (FLORES, 2013, p. 29). Antes, entendo-a como um conjunto de textos que propõe uma reflexão sobre a enunciação. Os textos de que me ocupo são aqueles reunidos nas seções “A comunicação” e “O homem a língua” dos *Problemas de Linguística Geral I e II*, com especial ênfase nos artigos previamente mencionados.

Ono (2007, p. 114-115) faz notar que, para Benveniste, o “verdadeiro” pensamento saussuriano está presente nos estudos comparatistas do linguista genebrino, bem como em seu período parisiense (1881–1891), o que se atestaria, argumenta Ono (2007), pelas seguintes palavras de Benveniste:

É necessário voltar um pouco antes, porque, através dele [de Antoine Meillet], foram os ensinamentos de Ferdinand de Saussure em Paris que foram em parte transmitidos aos discípulos de Meillet. Isto tem uma grande importância para qualquer um que fizesse de algum modo a biografia intelectual da Linguística francesa, ainda que o Saussure que ensinou durante dez anos na École des Hautes Études não tenha sido o Saussure cujo nome ecoa hoje por toda parte (BENVENISTE, 1989[1968], p. 11-12).

Para a autora, a evocação, por Benveniste, do “Saussure parisiense” mostra o seu desejo de aproximar-se mais de Saussure que dos estruturalistas, os quais se propunham como “sucessores de Saussure” (ONO, 2007, p. 114). De acordo com Ono (2007), nisso residiria o incômodo benvenistiano com as confusões e abusos dos termos “sistema” e “estrutura”, de modo que o linguista francês preferiria o emprego daquele em detrimento deste. Dessons (2006), por sua vez, aponta que o Saussure do *Curso* é, também, o Saussure indo-europeísta do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878), obra na qual o linguista genebrino introduz no campo tradicionalmente historicista da Linguística do século XIX “a importância primordial do sistema e da solidariedade restaurada entre todos os elementos de uma língua”, conforme afirma Dessons (2006, p. 31), citando Benveniste (1995[1954], p. 5). Segundo Dessons (2006, p. 32), é nessa perspectiva que Benveniste situa o *Curso de Linguística Geral*, no qual é precisada uma nova concepção de *língua* — a qual, necessariamente, convoca a de *sistema*. Portanto, parece-me legítimo, a despeito do que diz Ono (2007) sobre a aproximação de Benveniste do “Saussure comparatista” e “parisiense”, pautar-me, neste artigo, no conceito de língua e na noção de sistema que se apresenta no *Curso*. Mas quais aspectos da noção de sistema comparecem na Linguística de Benveniste?

No *Curso de Linguística Geral*, são diversas as passagens em que a concepção sistêmica de língua se apresenta. No capítulo terceiro da Introdução, por exemplo, é possível ler: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias [...]” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 47); no capítulo quinto, também da Introdução: “A língua é um sistema que conhece somente a sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 55); no capítulo quarto da Segunda Parte: “[...] a língua [é] um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE,

2012[1916], p. 161). Os exemplos podiam-se multiplicar. Opto por avançar. A noção de sistema diz respeito a uma característica muito particular da concepção saussuriana de língua: a de *funcionamento*, de *mecanismo*. Como nota Normand (2009, p. 50, grifos do original), “ele [o termo sistema] remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico em que elas são tomadas”.

Uma das consequências da formulação do conceito de língua como sistema é a eliminação de “tudo o que lhe [à língua] seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 53), ou seja, ao seu funcionamento. Dessons (2006, p. 30-31) observa que é justamente essa a atitude saussuriana que mais interessa a Benveniste: “Esse adentrar na especificidade da língua”.⁴ Visando ao próprio do linguístico, Saussure coloca-se, por um lado, contra a ideia de língua como nomenclatura, retirando a sua relação com um referente mundano de seu funcionamento; por outro, também retirará a substância, daí o conceito de *valor* vir a regular o funcionamento do sistema, pois as unidades são definidas pelas relações que engendram no sistema em um dado momento e não pela substância sonora que as reveste. Decorre daí a interdependência das unidades no sistema, por meio do qual elas estabelecem relações umas com outras, adquirindo, assim, estatuto linguístico. Dessa forma, Saussure, como aponta Normand (2009, p. 78), “reduz a língua a um jogo de formas que só são significantes a partir desse jogo”: o que significa é uma relação de formas em um sistema em um estado.

O autorregulamento do sistema, a determinação da unidade intralinguisticamente, este me parece o ponto a ser destacado. Afinal, conforme Normand (2009, p. 50, grifos do original), “dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua”, e, nas palavras de Dessons (2006, p. 32), “aquilo que é almejado [por Saussure], e que realmente interessa a Benveniste, é a consideração da ‘realidade intrínseca da língua’”.⁵

3 UMA NOVA LINGUÍSTICA: BENVENISTE, O SISTEMA E OS DOIS MODOS DE SER LÍNGUA

O interesse de Benveniste pelo gesto saussuriano de busca pela realidade intrínseca da língua não implica a sujeição do linguista francês à proposta do genebrino. Flores (2017, p. 1008), que define o olhar de Benveniste para Saussure como “primeiramente, uma permanente

⁴ No original: “Cette marche en avant vers la spécificité de la langue”.

⁵ No original: “[...] ce que est visé, et ce qui intéresse véritablement Benveniste, c’est la prise en compte de ‘la réalité intrinsèque de la langue’”.

homenagem”, igualmente observa que a teoria da linguagem de Benveniste, ao mesmo tempo em que inclui as teses saussurianas, “nega[-as], suprime[-as], conserva[-as] e suspende[-as]”. Diante disso, o autor define a posição de Benveniste em relação a Saussure como a de Jano, deus romano dotado de duas faces, uma das quais olha para trás — o apreço de Benveniste por Saussure — e a outra, para frente — a sua investida em ir além de Saussure. Uma das teses saussurianas nas quais acredito observar as faces de Jano benvenistianas é justamente a noção de sistema, que, conforme foi anteriormente pontuado, é incorporada integralmente por Benveniste (FLORES, 2013), embora, ao fazê-lo, o linguista não a preserve como a recebe.

Sinais dessa incorporação singular dão-se no artigo “A natureza dos pronomes”. Nele, Benveniste propõe uma distinção entre os pronomes e os nomes referentes a uma noção lexical, argumentando que o emprego destes “refere-se a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta” (BENVENISTE, 1995[1956], p. 278). Por sua vez, os pronomes *eu* e *tu* caracterizam-se por se definirem apenas por sua referência “constante e necessária” à instância do discurso que os contém. Dessa forma, *eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*” (BENVENISTE, 1995[1956], p. 278). Por instância do discurso, compreende-se “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 1995[1956], p. 277), atos esses responsáveis por efetivamente dar existência linguística a formas como *eu* (BENVENISTE, 1995[1956], p. 279). Deparamo-nos, pois, com uma diferença fundamental entre a concepção de língua de Saussure e a proposta de Benveniste, uma vez que o linguista francês concebe a existência de unidades “vazias” no sistema da língua que só adquirem estatuto linguístico efetivamente na e a partir da instância do discurso que as contém, quando apropriadas por um locutor.

Esse caráter que distingue os pronomes das demais classes permite que se lhes sejam aproximados “indicadores”, os quais, pertencentes a classes diferentes (e.g., advérbios, locuções adverbiais), têm de essencial a relação com a presente instância do discurso, cuja unidade, assegurada por *eu*, constitui-lhes a referência. A partir dessa análise, Benveniste (1995[1956], p. 283) distingue “de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios”. Portanto, a despeito da assunção do conceito de língua como sistema de signos, advindo de Saussure, Benveniste estabelece uma “diferença profunda” entre a “língua saussuriana” e “a língua manifesta nas

instâncias do discurso” e “assumida como exercício pelo indivíduo”, distinção essa que se assenta sobre uma compreensão do *signo linguístico* que Flores (2017, p. 1016) caracteriza os seguintes termos: “Há os signos cuja referência, única e singular, é ao ‘sujeito que fala’; há os signos que se referem ‘a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular”.

A “língua saussuriana” é referida pelo linguista francês em outros momentos de sua reflexão em que uma distinção da mesma ordem da anterior é estabelecida. Em “A forma e o sentido na linguagem”, por exemplo, Benveniste (1989[1966], p. 224) observa que Saussure não se apercebeu, ao dizer que a língua é um sistema de signos, que a língua poderia ser outra coisa ao mesmo tempo. O linguista francês não contrapõe esse “outro modo de ser língua” ao entendimento saussuriano, pois compreende que ele funciona junto ao modo de ser da língua como sistema de signos. Flores (2017, p. 1017) argumenta que Benveniste não rejeita o princípio saussuriano “da distintividade e da oposição das unidades no sistema de valores dos quais fazem parte”, mas lhe insere um terceiro elemento: o locutor. No entanto, é preciso atentar-se ao fato de que, ao introduzir um terceiro termo à díade do signo saussuriano,

[...] não se está defendendo que o terceiro termo em Benveniste é o referente, o objeto no mundo [...], mas a referência, o que é coisa muito diferente, uma vez que a referência, em Benveniste, não advém da realidade no mundo, mas de uma realidade de discurso (FLORES, 2017, p. 1017).

A introdução de um terceiro elemento que não é o referente é importante de ser destacada, pois evidencia o compromisso teórico de Benveniste com a concepção sistêmica de Saussure, visto que essa noção “exclui qualquer relação com algo que não esteja na própria língua” (FLORES, 2013, p. 143). Paralelamente, essa introdução explicita um distanciamento de Benveniste, caracterizado não por uma rejeição da concepção de signo saussuriana, mas por sua não-manutenção integral, tendo em vista que Benveniste a modifica (FLORES, 2017).

A discussão sobre a forma e o sentido na linguagem pode então lançar alguma luz para entendermos essa não-manutenção. Nessa etapa de sua reflexão, Benveniste estabelece que a forma, no semiótico, está relacionada ao significante, enquanto o significado corresponde ao sentido. De acordo com Flores (2017), é precisamente sobre este último ponto que Benveniste inova, pois o linguista francês concebe que “o sentido do signo, unidade do semiótico, é definido como o *uso* que os falantes fazem dele, uso este reconhecido intralinguisticamente”, diz Flores (2013, p. 140, grifos meus). Benveniste efetivamente erige “a noção de uso e de compreensão como um

princípio de discriminação, um critério” do signo, pois “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua, *tertium non datur*” (BENVENISTE, 1989[1966], p. 227). Diz ainda o autor:

Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada significa? A resposta é sim, ou não. Se é sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo está dito também. “Chapéu” existe? Sim. “Chaméu” existe? Não. A questão não é mais definir o sentido, enquanto o que revela da ordem semiótica. No plano do significado, o critério é: significa ou não? Significar é ter sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais (BENVENISTE, 1989[1966], p. 227, grifos do original).

E mais adiante: “Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua [...]. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (BENVENISTE, 1989[1966], p. 227-228). Ainda que sejam claramente preservados os princípios de distintividade e de oposição saussurianos, o princípio discriminatório benvenistiano que assegura a existência do signo no sistema é o *uso*. “A noção de uso e de compreensão da língua é um princípio de discriminação. O locutor e o interlocutor estão marcados na língua”, diz Flores (2017, p. 1019). Eis o signo no modo *semiótico* de ser língua, que não mais coincide integralmente com a concepção de língua proposta por Saussure, pois o uso — marca do reconhecimento do locutor e do interlocutor e intimamente vinculado ao critério de distintividade que assegura a significação no referido domínio — é concebido como constitutivo do signo no interior do sistema de valores. Afinal, com o signo tem-se ainda “a realidade intrínseca da língua” (BENVENISTE, 1989[1966], p. 230).

Conforme Faria (2021) pertinentemente observa, o assinalamento, feito por Flores (2017), do deslocamento operado por Benveniste quanto à teorização saussuriana sobre o signo é fundamental, pois,

[...] utilizando às avessas a lógica do argumento de Benveniste em relação a Saussure, o que diz do signo vale diretamente para o seu conceito de *língua*, uma vez que àquele “se afirmam incontestavelmente os caracteres primeiros da língua” (FARIA, 2021, p. 190, grifos do original).

Insisto, pois, na introdução do terceiro elemento à díade saussuriana do signo, a qual evidencia, de certa forma, um afastamento de Benveniste em relação a Saussure, pois não trata de uma “reformulação” do

conceito saussuriano, mas, antes, de uma compreensão própria, benvenistiana do signo, como diz Flores (2017), ainda que seja preservada a sua natureza opositiva e relacional, como na perspectiva saussuriana.

O distanciamento de Benveniste não se limita a esse gesto, visto que, a despeito da introdução do locutor à díade que compõe o conceito de signo proposto por Saussure, a língua como sistema de signos não dá conta de seu aspecto significativo na perspectiva benvenistiana. Isso porque, para Benveniste (1995[1964], p. 140), “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí se forma a linguagem”. E, para o autor, o caráter primordial da linguagem, “sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”, é significar (BENVENISTE, 1989[1966], p. 222). Na medida em que é somente no discurso que se forma a língua, Benveniste (1989[1966], p. 228) então propõe o modo *semântico* de ser língua, esse vindo a dar conta do domínio da língua em uso e em ação em que existe uma outra forma de ser do signo. Na realidade, pode-se dizer que, no domínio semântico, o signo dá lugar a outra coisa, à *palavra*.

Ora, as palavras, instrumentos de expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso (BENVENISTE, 1989[1966], p. 233).

Benveniste (1989[1966], p. 233-234) então distingue os dois sistemas que se superpõem na língua: na base, o semiótico, responsável pela organização dos signos a partir do critério benvenistiano de significação que, ainda que conserve o princípio proposto por Saussure ao não excluir a natureza relacional do signo, aponta um deslocamento em relação à noção saussuriana de sistema ao inserir o uso como critério de distinção no interior do sistema de valores; sobre essa base, o semântico, a língua-discurso, que “constrói uma semântica própria, significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”. Semântica essa que, como foi visto mais acima, não se estrutura sobre o referente do mundo, mas sobre a referência à instância do discurso que contém *eu*, um *eu* que, necessariamente, dirige-se a um *tu*.

A referência a essa instância na qual os signos são agenciados em palavras para, na frase, produzir sentidos sempre particulares revela a incorporação integral da noção de sistema saussuriana por Benveniste (FLORES, 2013, p. 143), noção essa que, repito, “exclui qualquer relação com algo que não esteja na própria língua”. E, para Benveniste, *o homem está na*

língua. A presença do homem na língua(gem) é a tese central da teoria enunciativa de Benveniste, constituindo o axioma de sua teoria da linguagem (FLORES, 2013, p. 43-44). As marcas mais evidentes dessa presença são os dêiticos, os pronomes *eu* e *tu*, as formas linguísticas da subjetividade (FLORES, 2020, p. 589). Formas essas que, a despeito de estarem disponíveis no sistema da língua, não adquirem sentido senão quando enunciadas por um locutor que, ao fazê-lo, propõe-se como sujeito de um enunciado sempre único. Logo, o sistema da língua dispõe de formas que permitem a entrada do homem, formas “vazias” que, ao serem apropriadas pelo homem, permitem que ele se aproprie de toda a língua por extensão e agencie os signos “plenos” rumo a um sentido sempre particular na frase, no discurso. Na instância do discurso, as palavras agem umas sobre as outras de modo a transmitir uma ideia particular através do ato enunciativo na frase.

Embora a entrada do homem na língua dê-se pelas vias da intersubjetividade⁶, cujas marcas são apreensíveis pelas formas linguísticas da subjetividade, essa entrada não se limita às categorias que compõem essas formas, pois o exercício da língua é o próprio fundamento da subjetividade (BENVENISTE, 1995[1958], p. 289). Como diz Benveniste (1989[1970], p. 82) em “O aparelho formal da enunciação”, o emprego da língua, “um mecanismo total e constante [...], de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira”. É também em “O aparelho...” que Benveniste (1989[1970], p. 83) diz que “a enunciação supõe a conversão da língua em discurso”. Tal conversão implica que o “sentido” se forme em “palavras”. E “sentido”, em Benveniste, não possui uma única acepção. A primeira, já a vimos mais acima. Como diz Flores (2013, p. 134, grifos do original), “quando se diz que um elemento *tem sentido*, afirma-se que ele tem a propriedade de *constituir* e *integrar*”. Essa é a primeira acepção de “sentido”. Em sendo “propriedade” e “possibilidade”, compreende-se, portanto, que o elemento é reconhecido no interior de uma língua — esta compreendida sob o domínio do semiótico, ou seja, como sistema de signos — a partir do critério de significação benvenistiano outrora pontuado. Isto é, ele integra uma rede de relações na qual o sujeito o reconhece pelo uso que faz dele e, por esse reconhecimento, legitima-o no interior do sistema de língua que o reveste, em potência, de empregabilidade ao colocá-lo em uma relação de oposição com os demais.

⁶ Diz Benveniste (1989[1970], p. 84, grifos do original): “[...] desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”.

Essa potencialidade realiza-se justamente quando a língua é atualizada em discurso, no qual o signo, enquanto constitutivo do repertório semiótico, cede lugar à palavra. Na instância do discurso, chega-se ao segundo sentido de “sentido”: a possibilidade de responder à pergunta “Qual é o sentido?”, o que implica o estabelecimento de uma certa relação com o mundo (FLORES, 2013, p. 143-144). Essa relação é mediada pela frase, “expressão semântica por excelência” (BENVENISTE, 1989[1966], p. 229-230), e, na frase, o sentido é sempre particular. Esse entendimento implica repensar a distinção entre signos “vazios” e “plenos” operada por Benveniste em “A natureza dos pronomes”, publicado pela primeira vez onze anos antes de “A forma e o sentido na linguagem”. Na medida em que, pelo agenciamento na frase, as palavras preservam senão parte do valor do signo como unidade do sistema, decorre daí que a plenitude dos signos ditos “plenos” é, também, alcançada somente na instância do discurso em que o sujeito os agencia em palavras e na qual se dá uma significação circunstancial e intencionada, isto é, marcada por aquilo que o sujeito quis efetivamente comunicar em uma situação de discurso (ONO, 2007, p. 131-132). Aí se alcança a plenitude, pois é nesse domínio que os signos agenciados em palavras comunicam aquilo que o sujeito efetivamente quis dizer. Afinal, diferentemente do domínio semiótico, cuja modalidade fundamental é *significar*, o modo semântico tem como modalidade fundamental *comunicar* (BENVENISTE, 1989[1966], p. 229). Neste último modo, não se trata mais de um sentido genérico (próprio do domínio semiótico), mas particular, circunstancial e dotado de marcas próprias do ato enunciativo do sujeito, de referência.

No domínio semântico, a rede de relações em que o signo se engendra não é mais com os outros signos do sistema apenas, mas com aqueles que são agenciados em “palavras” com vistas à expressão de uma ideia em uma circunstância dada (BENVENISTE, 1989[1966], p. 230). É digno de nota que, nesse domínio, o sentido realiza-se não como uma adição ou extensão do signo, mas como uma “compreensão global” que inclui sujeito, interlocutor e referência à enunciação, pois “é o ato de enunciação que confere sentido aos enunciados em uma dada situação de enunciação” (FLORES, 2019, p. 167). Portanto, com as palavras, instaura-se uma certa relação com o mundo. Relação essa que se dá não com a coisa do mundo, mas com a situação enunciativa, portanto, com a instância do discurso. É a referência à instância do discurso que é introduzida, a qual é constitutiva da enunciação (BENVENISTE, 1989[1970], p. 84):

[...] a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. Na maior parte dos casos, a situação

é condição única, cujo conhecimento nada pode suprir (BENVENISTE, 1989[1966], p. 231).

É somente a partir dessa referência que os signos disponíveis no sistema da língua adquirem sentido — esse entendido em sua segunda acepção. Como diz o autor em “Os níveis da análise linguística” (1964), “os que se comunicam têm justamente isso em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o ‘sentido’, mas permanecendo desconhecida a ‘referência’” (BENVENISTE, 1995[1964], p. 140). É a referência que fornece a plenitude ao signo, pois a sua significação se dá, efetivamente, em função do centro organizador que é *eu*. Como diz Benveniste (1989[1970]), outra vez em “O aparelho...”,

A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interno. Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 1989[1970], p. 84).

Benveniste não exclui a relação entre esses dois modos de ser língua, e, em realidade, torna-a explícita quando diz: “Aqui a questão [...] é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever a sua interação” (BENVENISTE, 1989[1970], p. 82, *grifos meus*).

Portanto, ao assumir integralmente o princípio implicado pela concepção sistêmica de Saussure, Benveniste desdobra-o em uma concepção própria de língua. Nada melhor para atestá-lo que o fato de os modos semiótico e semântico não coincidirem com a distinção saussuriana entre língua e fala. Trata-se, antes, de dois modos de ser da língua, que se manifestam no *interior da língua*. Diz Benveniste (1989[1966], p. 229): “Instauramos na língua uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala”. De fato, o autor, na esteira de Saussure, preserva a ausência de relações diretas da língua com o mundo, o referente, mas introduz à díade saussuriana do signo o locutor, de modo a produzir uma reflexão própria sobre o signo e, eu diria, sobre o *sistema* que o comporta e, por extensão, um conceito próprio de língua. A meu ver, ocorre efetivamente um afastamento de Benveniste em relação a Saussure, que em vez de fazê-lo ir “além de Saussure”, conforme ele propõe, leva-o efetivamente a “outro lugar”, como nota Normand (2006). Tal afastamento parece residir no fato de que a proposta benvenistiana se distingue da de Saussure, ainda que, nos seus fundamentos, não seja estranha aos princípios saussurianos. Afinal, ainda que o interesse

benvenistiano na proposta saussuriana de cernir o próprio da língua possa aproximá-los, Normand (2011) não deixar de observar em Benveniste um projeto mais ambicioso na distinção que faz entre o semiótico e o semântico, pois:

[...] não se trata mais somente de recuperar as variações individuais que tiveram de ser eliminadas para identificar o sistema, mas será necessário considerar tudo o que intervém neste uso “vivo” da língua, os contextos, as particularidades do intercâmbio, as circunstâncias, tudo o que faz de cada frase um acontecimento único. Dito de outro modo, esta análise (cujo método Benveniste não especifica) visará a singularidade de todo ato de fala, manifestando a presença do sujeito e o sentido do que ele enuncia (NORMAND, 2011, p. 112)⁷.

Donde a proposta de uma nova Linguística, capaz de dar conta da língua em uso, na qual reside a realidade da linguagem, e que tratará do domínio semântico, intimamente associado à *enunciação*, “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989[1970], p. 82) que produz uma significação circunstancial. E o objeto dessa nova Linguística não é outro senão “a língua assumida pelo homem que fala, do homem na língua” (FLORES, 2017, p. 1023).

Como bem nota Flores (2013), a proposta benvenistiana de ultrapassar Saussure leva-o, de fato, “a outro lugar”, mas isso “a partir de Saussure, com Saussure”, o que, nos termos de Normand (2006), consiste em:

Nunca abandonar a língua, na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado (NORMAND, 2006, p. 19).

Flores (2017) efetivamente observa que o linguista francês tem em Saussure um ponto de partida, mas não de chegada, o qual, conforme o autor, é o semântico (FLORES, 2017, p. 1023). Ocorre que, tanto num domínio quanto no outro, Benveniste reconhece as marcas do homem, pois, como se viu, apesar de adotar aspectos da noção saussuriana de sistema, ele a modifica, incluindo um terceiro elemento discriminador e intralinguístico: o locutor que faz uso dos signos no sistema (FLORES, 2017). Afinal, se o homem constitui a língua (e vice-versa), e esta possui dois modos de ser, nenhum

⁷ No original: “[...] il ne s'agit plus seulement de récupérer les variations individuelles que l'on avait dû écarter pour dégager le système, mais il faudra prendre en compte tout ce qui intervient dans cet emploi «vivant» de la langue, les contextes, les particularités de l'échange, les circonstances, tout ce qui fait de chaque phrase un événement unique. Autrement dit cette analyse (dont Benveniste ne précise pas la méthode) visera la singularité de tout acte de parole, manifestant la présence du sujet et le sens de ce qu'il énonce”.

deles pode não conter as marcas do homem, as marcas do homem que fala. Essa modificação substancial, que distingue Benveniste de Saussure (mas não os torna radicalmente distantes), resulta em outro conceito de língua, o benvenistiano, objeto de outra Linguística, a do discurso — uma invenção que, em última instância, recebeu grande contribuição da obra de Benveniste (DESSONS, 2006).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Flores (2013) afirma que o axioma *O homem na língua* é um elemento unificador da teoria da linguagem de Benveniste, uma das grandes linhas de seu pensamento: “É disso que Benveniste está sempre a falar, ou seja, da possibilidade de que o homem se marque na língua e, por esse ato, se singularize, se torne sujeito” (FLORES, 2013, p. 43). Considerando que o linguista francês concebe dois modos de ser língua, o homem não pode estar presente apenas em um desses modos. E estar presente é deixar *marcas*. Logo, se a marca, no semântico, é o agenciamento dos signos, disponíveis no repertório, em palavra na frase com vistas à produção de um sentido circunstancial, no semiótico a marca é da ordem da constituição: o signo só o é no interior de um sistema de língua porque é no uso que ele adquire esse reconhecimento, o qual o torna passível de se engendrar no sistema e estabelecer relações de oposição com outros signos, isto é, de ser identificado. O critério de distintividade do signo no interior do sistema de valores é, pois, o uso feito pelo homem.

Ainda que, conforme afirma Flores (2017), a preocupação com o falante não esteja ausente em Saussure, que defende o caráter social da língua e recorre à massa falante em diversos momentos de sua reflexão, Normand (2009) bem observa que, apesar de fundamental,

[...] diferentemente de sistema, ele [o traço social] não determina, em Saussure, um ponto de vista e um método próprio; [...] ele afirma, como todos os seus contemporâneos, que se trata de um *fato social*, [...] mas não que considera essa característica a mais esclarecedora para definir a sua natureza específica (NORMAND, 2009, p. 52, grifos do original).

Benveniste, por sua vez, eleva o uso a um princípio de discriminação interno à língua, pois “o locutor e o interlocutor estão marcados na língua” (FLORES, 2017, p. 1019). Logo, o uso não é acessório, mas constitutivo: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí se forma a linguagem”, diz Benveniste (1995[1964], p. 140) — passagem essa previamente citada neste artigo. De fato, a noção

saussuriana de sistema é assumida por Benveniste, mas é ressignificada por uma concepção de língua que até pode ter os seus fundamentos em Saussure, mas que é benvenistiana, pois se presta a fundar outra Linguística que reconheça, de fato, a presença do homem na língua como aquilo que a constitui (e pela qual ele é constituído).

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Tendências recentes em Linguística Geral (1954). *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes (1956). *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século (1963). *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística (1964). *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem (1966). Tradução de João Wanderlei Geraldi. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e Linguística (1968). Tradução de Eduardo Guimarães. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1970). Tradução de Marco Antônio Escobar. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

FARIA, Núbia Rabelo Bakker. A *significação* em Benveniste: um problema "abordado com sucesso". *In*: SILVA FILHO, Jomson Teixeira (Org.). **(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria da enunciação de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. **Gragoatá**, v. 22, n. 44, p. 1005-1026, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da Enunciação. *In*: ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento (Orgs.). **Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. O universal e o particular na Linguística Geral de Benveniste. **Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 3, p. 583-593, 2020.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. Tradução de Carmen Deleacil Ribeiro Nassar. **Letras**, n. 33, p. 13-21, 2006.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, Claudine. Langue, Parole, Sujet chez Saussure et Benveniste. **DELTA**, v. 27, n. 1, p. 99-119, 2011.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Lambert Lucas: Limoges, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

ROCHA, RAUL DE CARVALHO.
BENVENISTE E A NOÇÃO SAUSSURIANA DE
SISTEMA. **ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, V.
13, N. 1, E2574, P. 401-419, JAN-ABR./2023.
DOI: 10.22168/2237-632112574